

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 653

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECCULO

ARCINDO

O FILHO do TENDEIRO

Por JUDITH de OLIVEIRA AFONSO



ROBERTO era o filho dum pobre tendeiro da aldeia que levava a vida a correr de terra em terra, com as suas duas mulas carregadas de panos e miudezas: riscados, chitas, morins, flanelas, alfinetes, molas,

botões, pentes, sabonetes e perfumes baratos, cordões para calçado, espelinhos de algeira, meias de lã ou de algodão, etc., etc., em que ia ganhando alguns centavos para comer e mais a família.

Como esta era numerosa, viviam mal e Roberto, na escola, era um dos que se apresentavam mais pobremente vestidos.

Um dia, porém, a sorte mudou: o sr. Nobre, um rico lá da terra, tendo-lhe o professor contado maravilhas

da inteligência de Roberto, resolveu protegê-lo e o pequeno começou a vestir umas roupas mais asseadas e a ter um pão menos duro para roer.

Tendo o pai conseguido estabelecer-se numa outra terra e resolvendo ir para lá viver com a família, o bemfeitor de Roberto prontificou-se mesmo a ficar com o rapaz definitivamente.

— «Hás-de tirar um curso — dizia, acariciando-lhe a face. Hás-de tirar um curso, se estudares sempre muito.»

E a vida tornou-se alegre e feliz para o pobre pequeno, tanto mais que o pai, vendo prosperar-lhe o negócio, vivia com mais desafogo, o que aliviava Roberto duma espécie de remorso que sentira ao principio, ao ver-se cheio de tudo, enquanto os seus passavam necessidade.

Em breve, porém, o horizonte se lhe obscureceu de novo, se bem que noutra sentido.

O sr. Nobre tinha quatro filhos, dois rapazes e duas meninas, mais ou menos da idade de Roberto. Os três mais novos frequentavam com êle a escola.

Ora estes meninos, sabendo-se ricos, não estavam para se ralar, como se costuma dizer, e não faziam caso



dos livros nem das lições. Desta maneira, na escola, encontravam-se sempre em situação de inferioridade perante o companheiro, o que muito os humilhava.

Em vez de se emendarem, porém, e de lhe seguirem o exemplo, começaram a tornar-se invejosos, por verem aquele maltrapilho, sustentado por



caridade em sua casa, ser superior a eles em inteligência e aplicação. Este estado de espírito foi-se agravando ao ouvirem o mestre e até o pai estabelecerem o paralelo entre eles e Roberto e envergonhá-los mesmo na presença do rapaz.

Então, o rancor dos maus pequenos não conheceu limites: a toda a hora o manifestavam por palavras ofensivas e atitudes desdenhosas, que muito desgostavam Roberto.

No entanto, este, que era humilde e educado, nunca se queixou e evitava salientar-se demasiadamente diante dos filhos do seu rico protector.

Assim, fizeram todos a instrução primária e ingressaram no liceu.

A perseguição abrandou, porque não havia já tanta convivência, mas o rancor continuava a existir, pois, quanto mais cresciam, mais preguiçosos e estroinas se manifestavam os filhos do sr. Nobre.

Esta situação manteve-se até que, um dia, em férias, sendo todos já crescidos e tendo Roberto conseguido altas classificações nos estudos, tais insultos lhe dirigiu um dos rapazes, chamando-lhe intriguista e dando-lhe a entender que estava a comer, na-

sem protecção, dedicara-se aos trabalhos mais humildes, às mais penosas ocupações. No entanto, sabiam-lhe melhor as pobres refeições, ganhas por si, que os complicados manjares de outro tempo.



Depois, a pouco e pouco, as mesmas qualidades que o tinham feito salientar na aldeia, tinham-no tornado apreciado no novo meio que frequentava, e em breve se vira estimado e procurado para trabalhos mais elevados.

A irmã mais velha casara e os dois rapazes, vendo-se, por fim, sem nada, encararam, pela primeira vez, a vida a sério. De que se lembraram, então?

— «Se pedissemos protecção ao Roberto?»

— «Fomos tão bruscos para ele, em tempos...»

— «Que importa? Deve-nos favores. Se não fôsse a ajuda que o nosso pai lhe deu, nunca chegaria ao que é hoje, pois nem a instrução primária teria feito.»

Escreveram a Roberto.

Este pasmou da ousadia, mas, pensando na mesma verdade que os dois irmãos um ao outro alegaram, resolveu pagar aquela dívida, — que tinha ainda em aberto — aos filhos do seu benefactor, visto que o pai morrera.

Assim, estes foram para a África e eis agora o antigo maltrapilho desprezado e aborrecido, feito patrão dos dois irmãos e ensinando-lhes, com uma conduta irrepreensível, como se tratam os inferiores.

Tão belo procedimento curcou-os.

Quando Roberto, mais tarde, voltou a Portugal, a rapariga mais nova, que ficara junto da irmã casada, encantada com o procedimento d'ele e julgando-o esquecido dos antigos agravos, quis aliciá-lo e fazer-se desposar.

Roberto, porém, não quis gozar mais esse triunfo: preferiu dar o seu nome e o seu nobre coração a uma simples e encantadora rapariga da terra, antiga companheira da escola, e que já, em pequena, evidenciara excelentes qualidades morais.



quela casa, o que devia ser só para eles, que Roberto não pôde mais: abandonou tudo e todos, pedindo apenas ao bondoso pai de tais filhos, que lhe emprestasse algum dinheiro. E partiu para África.

O sr. Nobre ficou desolado e sem compreender a causa de tal resolução, pois nunca percebera a animosidade dos filhos para com Roberto; mas estes respiraram aliviados: Fôra-se o intruso! Podiam estroinar à vontade que não tinham já aquele exemplo vivo de boa conduta, a amargar-lhes as mais alegres horas.

Passaram-se alguns anos. Roberto, chegado à África sem conhecimentos,

Aberto o caminho, entrou nele resolutamente e, graças à sua tenacidade e inteligência, chegou a ser um dos mais ricos homens da colónia.

Logo que a fortuna lhe começou a sorrir, lembrou-se dos pais e passou a enviar-lhes, de tempos a tempos, algum dinheiro.

Desta forma, na aldeia, todos souberam que estava rico. Calcule-se, agora, o despeito dos quatro irmãos, ao chegar-lhes, também, aos ouvidos tal notícia.

O pai morrera e eles, tendo abandonado em meio os estudos, começaram a gastar, à doida, a fortuna herdada, até que a esgotaram.



Filosofia dum varredor:

— «Eu sou o que se chama um homem chique, pois vivo sempre... num chiqueiro.»

A D I V I N H A

Meus meninos:

Vejam se atinam com a frase que está escrita por debaixo destes borrões.



Viva a Moçambique Portuguesa

FÁBULA

Por FELIZ VENTURA

O CORVO mais o GAVIÃO
— amigos de há muito tempo —
combinaram, certo dia,
fazer leal companhia,
pois teriam mais proveito.

Assim, a prêsa trazida
seria, sem discussão,
logo ao meio dividida,
sem ralhos, nem ralação.

Depois de isto combinado,
cada qual foi p'ra seu lado.
Mas, passada uma semana,
já tinham tão grande raiva
que não se podiam vêr.
Quando acaso se encontravam,
por qualquer coisa ralhavam.

Raivoso, o CORVO dizia
que o GAVIÃO só trazia
coisas sem grande valia.
E que éle é que se estafava
a farejar, dia inteiro,
para o outro sustentar.

Mas o GAVIÃO, irritado,
respondia-lhe indignado:
— «Tu é que és um mandrião.
Depois da combinação
Não fazes mais que palrar...

Enquanto eu, de dia, ando
todo o vale investigando,
tu estás mui bem poisado
à espera de eu te trazer
coisa boas p'ra comer.

Pois olha, estás enganado,
isto vai já acabar!
Voltemos à forma antiga.
Cada qual trate de si,
Se se quizer governar.»

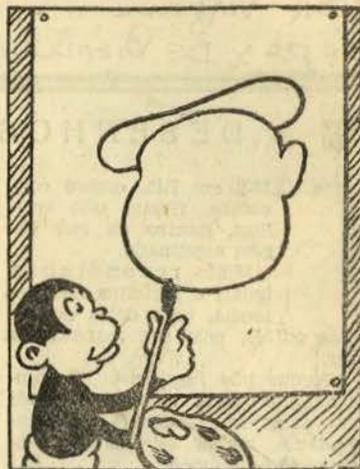


E nunca mais se encontraram.
Nem mais se puderam ver.
Quando dum o outro falava,
Só mal sabia dizer.

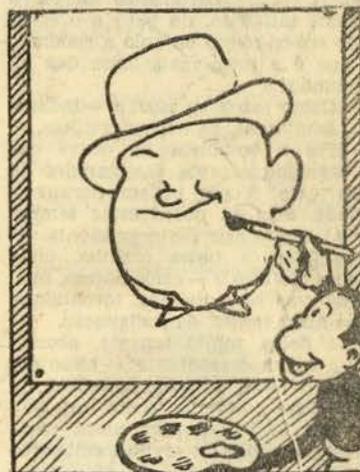
Por aqui, mais uma vez,
Se confirma esta verdade:
— Uma coisa é ser amigo
Outra é estar de intimidade.



CHICO PROFESSOR DE DESENHO



Menino, presta atenção
Que, nesta nova lição,



Vais tentar fazer o Hardy.
Para isso é só preciso



Fazer, com muito juízo,
O mesmo que eu faço aqui.

HISTÓRIA DE UMA ERVILHA

Por Virgínia
Lopes de Mendonça

DESENHOS DE VIANA

TODAS em fila, ombro com ombro, viviam oito ervilhas, dentro da sua vagem assetinada.

Muito redondinhas, iguais e perfeitas na aparência, uma delas destoava das outras, pela sua maneira de pensar.

— «Porque não fazes «ó-ó», descansada na nossa caminha macia e estás sempre nessa inquietação?!» — perguntavam-lhe as manas, estranhando tanto desassosségo.

— «Posso lá fazer «ó-ó», quando ouço lá fóra o engraçado cri-cri do grilo, o coaxar barulhento da rã, o grasnar, satisfeito, do pato e o estridente «cô-cô-rô-cô» do galo a saudar o sol que é a coisa mais linda que há no mundo!

— «Como sabes tu isso?!» — indagaram, admiradas, as outras ervilhas.

— «Foi a borboleta da couve que mo segredou através das paredes da nossa casa. Vocês podem dormir à vontade, mas eu quero estar sempre alerta! Quero sair desta prisão...»

— «Prisão, a nossa casinha, onde estamos tão bem!» — exclamaram, num protesto, as sete ervilhas, tornando-se ainda mais verdes, de indignação.

Uma delas, muito sensata, aconselhou à mana descontente: — «Não dês ouvidos a essa leviana borboleta da couve! Vive quietinha, como nós. Não há nada melhor do que nossa casa!

Numa teimosia, a ervilha embirrenta, voltou:

— «Hei-de ver o brilho do sol que cega...»

— «Também se vê daqui a luz mas chega-nos tão suave, que nunca nos cegar!»

A desastuinada continuava a resmungar, sempre de má catadura.

Então, a outra pegou no sono, encostada às manas que já dormiam, tranquilamente.

Quando o Manuel caseiro, veio apanhar as ervilhas da horta, a sua



mão pesada esborrachou uma parte da vagem, onde viviam as oito ervilhas da nossa história.

A ervilhinha descontente ficou radiante!

Aquêle apertão fizera-a soltar do gancinho que a prendia à vagem.

Além disso, perto dela, abriu-se uma nesguinha que era tal qual uma janela, por onde ela podia fugir...

Foi o que fez, num pulo ligeiro, sem sequer olhar para as irmãs que, muito tristes, a viam abandonar a casa, onde haviam nascido e vivido juntas.

Ao sentir-se cá fora, a fugitiva gritava num alvoroço:

— «Vou ver a luz do sol! Vou ver a luz do sol!»
— e, de cambalhada por ali

abaixo, foi cair no fundo do cesto, onde a escuridão era completa.

Esmagada pelo grande peso das outras ervilhas que o Manuel caseiro lhe ia deitando em cima, a infeliz julgou morrer, bem arrependida já daquela fuga disparatada e irrefletida.

No entanto, ainda lhe restava uma esperança:—tornar a meter-se noutra



casinha igual à sua, onde voltasse a viver em companhia de mais ervilhas.

Com mil dificuldades, tateando naquela negra escuridão, conseguiu encontrar uma vagem com um lugar vago, naturalmente de outra ervilha desgarrada...

Quis encaixar-se, à força, lá dentro... mas qual!... Era sempre expelida, não havia maneira de se pegar ali, como as que lá estavam, muito sossegadas e juntinhas.

Desiludida de todo, compreendeu, então, o grande mal que fizera em deixar a sua casinha, pois, agora, ficava completamente isolada na vida.

Sem forças para aquela luta, desistiu do seu intento.

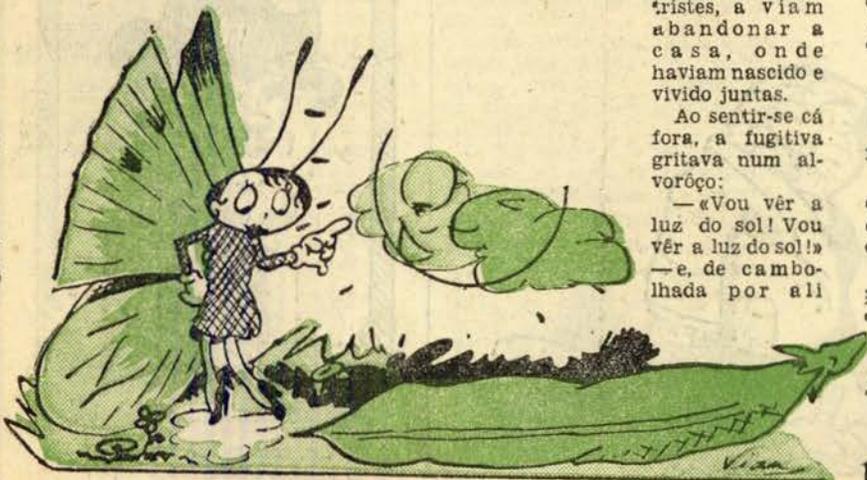
Mais tarde, despejaram as outras ervilhas mas ela ficou entalada na verga do cesto.

Foi o sol que tanto desejara ver, que, com o seu calor brutal, a secou, a queimou, a mirrou e assim deu cabo dela.

Amiguinhos: meditem bem na história desta ervilha descontente.

Considerem-se sempre muito felizes, em companhia de vossos pais e irmãos e tenham, sempre, muito amor à vossa casa.

Acreditem que, mais tarde, êsse tempo feliz será a mais bela recordação da vossa vida.



F
I
M

O CÃO de D. ANASTÁCIA

ADAPTAÇÃO DE VIANA

O FERECERAM um cãozinho a D. Anastácia que andava radiante com o «Ladino», pois assim se chamava ele.

A-pesar-de tão pequeno, já faz habilidades e estende a patinha, sempre que lhe pedem. Enfim: é o que se chama um cachorrinho muito bem educado...

D. Anastácia gosta imenso d'ele, e está sempre a recomendar à Segismunda que o lave e o penteie muito bem.

«Ladino», como qualquer cãozinho que se preza, come sempre a horas certas; será, talvez, por isso, que de dia para dia está mais gordo e anafado. Mas aí!... D. Anastácia vai para férias e não o pode levar! No entanto, recomenda a Segismunda que o trate muito bem, pois, quando regressar, quer encontrá-lo feito numa bolinha de neve.

— «Sim, minha senhora! Não falará nada ao cachorro!»

Na verdade, dias depois, o cão, se não estava mais gordo, não tinha emmagrecido.

Trin! Tirrin! O telefone toca...

— «Está? Está lá?...»

— ..



— «Cada vez mais gordo, minha senhora! Não lhe tem faltado nada!»

— ...?

— «O quê? Vem hoje a casa? Muito bem, verá que não lhe menti!»

— ...?

— «Adeus, minha senhora, até logo...»

Entanto a Segismunda pouso o auscultador:

— «Ladino? Venha cá...»

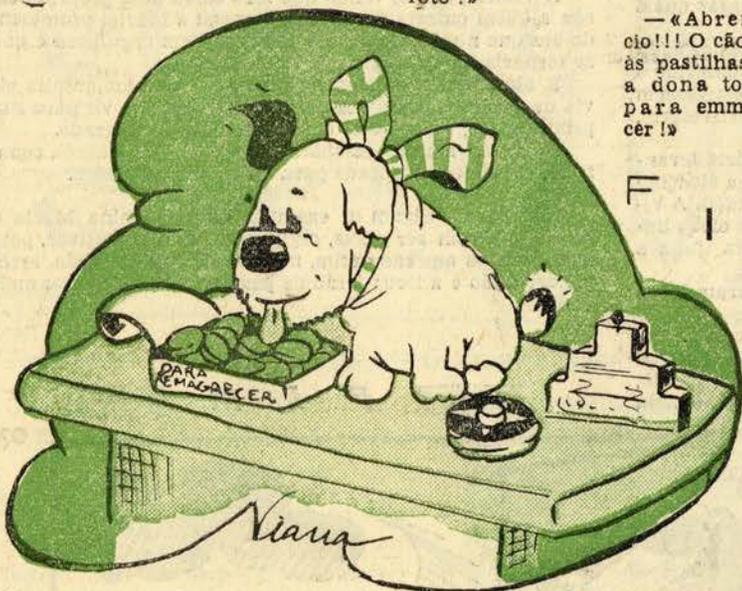
?...?

— «Então! Não vem?»

— «Onde se terá metido aquele maroto?»

— «Abrenúncio!!! O cão fóra às pastilhas que a dona tomava para emmagrecer!»

F I M



CONCURSOS QUINZENAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

Entre as últimas produções destinadas aos nossos «Concursos quinzenais», o Júri considerou dignas de menção honrosa as dos seguintes concorrentes:

CONTOS: — *Beiroa altiva*, autora do conto «O filho do tendeiro» e *José Fernandes*, autor do conto: — «Vitória e Maria», contos que publicamos no número de hoje e, bem assim, *Zita Marta* e *Diamante Negro*, autores dos contos: — «Lição de Milita» e «As galinhas roubadas.»

POESIAS: — *Carlos*, autor da poesia: — «Máizinha exemplar», *Jorval*, autor da poesia «O Avô», *Fernão Vasques*, autor dos sonetinhos: — «Menino Jesus» e «Quem porfia» e *Rogério da Conceição Serafim Martins*, autor das poesias: — *Maria Manuela*, «O burro teimoso» e «As árvores.»

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS



«O que não olhar adiante, Terá de voltar atrás,»
E, por isso, ó estud.
Teu caminho estuda...!

Porém, depois de traçado,
A' clara luz da razão,
Segue-o até ao fim, confi...
Sem receio e hezita...!



— «Minha mãe, aos meus avós Devo amá-los como a si?» —
A' filha com terna v...
Respondendo, a mãe sor...:

— «Aos teus «vovós», tão velhinhos,
Amarás ainda mais,
Porque são os avôz.....
Duas vezes nossos p...!»

VITÓRIA E MARIA

POR JOSÉ FERNANDES

OS meninos já foram à ilha do «Côco» em Olhão? Se tivessem ido, teriam visto duas meninas muito formosas mas de beleza diferente. A mais velha teria uns vinte anos, chamava-se Vitória; era loura e tinha uns olhos azuis, mas de um azul esquisito e misterioso.

A mais nova chamava-se Maria, teria uns dezoito anos; era morena, tinha os olhos de um preto aveludado, onde se reflectia a meiguice e a bondade.

Quem as visse a tomar banho, a almoçar, a jantar e a passear sempre juntas, admirar-se-ia de como seria possível que elas fôsem assim tão amigas.

Ninguém suspeitava o que se tinha passado com elas havia cinco anos pelo S. João.

Pois vou-lhes contar a história, se isso é de vosso agrado: Maria era filha de pais pobres, ao contrário da Vitória, que era rica.

Frequentavam ambas a mesma escola e dera-se a circunstância de ficarem as duas na mesma carteira.

Ao principio, a Vitória, orgulhosa como era, não se podia conformar a ficar ao pé de uma menina pobre. Mas quando soube que a Maria era a primeira aluna na escola e, sendo ela uma das piores, tratou de se fazer amiga de Maria, com o fito desta a ajudar a fazer as contas e ensinar-lhe as lições, o que a Maria fazia da melhor vontade, pensando que a outra fôsse sua amiga.

Estava, contudo, enganada, porque a Vitória, em vez de lhe agradecer, nutria-lhe ódio.

Ela não podia perdoar que, sendo tão rica, tivesse que rebaixar-se para a outra a ajudar nas contas.

Moravam à beira-mar, na mesma rua, em casas quasi pegadas.

Na véspera de S. João, lembraram-se de queimar cada qual a sua alcachofra e de a enterrar num vaso, conforme o costume por esta época; se as flôres no outro dia estivessem floridas, era sinal de que ficariam bem; se não estivessem, era porque ficariam reprovadas.

Ora aconteceu que, no dia de S. João, a Vitória levantou-se cedo e foi à janela ver como se encontrava a alcachofra mas notou que permanecia como a tinha deixado. A Vitória, quasi com as lágrimas a baillarem-lhe nos olhos lindos, olha para a janela da Maria e vê que esta tinha a alcachofra florida.

Uma grande raiva a tomou. Dir-se-ia que eram todos contra ela! Até a própria alcachofra!

Então, uma terrível ideia passou-lhe pela cabeça... Notando que na casa de Maria, ainda todos dormiam, ei-la que sai de casa, agarra numa escada de mão, trepa à janela, tira a alcachofra do vaso, desce e, quando pega na escada



para regressar a casa, sente a janela abrir-se e vê surgir a companheira.

Cheia de vergonha por ser descoberta, pôs-se em fuga mas, precipitando-se, tropeçou na escada e foi cair dentro de água, gritando aflitivamente.

Maria, num relance de olhos, percebeu toda a cena.

Desceu a toda a pressa e, esquecendo-se do que a amiga lhe tinha feito, lança-se à água.

A Vitória já ia longe, levada pela corrente, mas a Maria, exímia nadadora como era, depressa a alcançou e a trouxe para terra, onde lhe prestaram os socorros necessários.

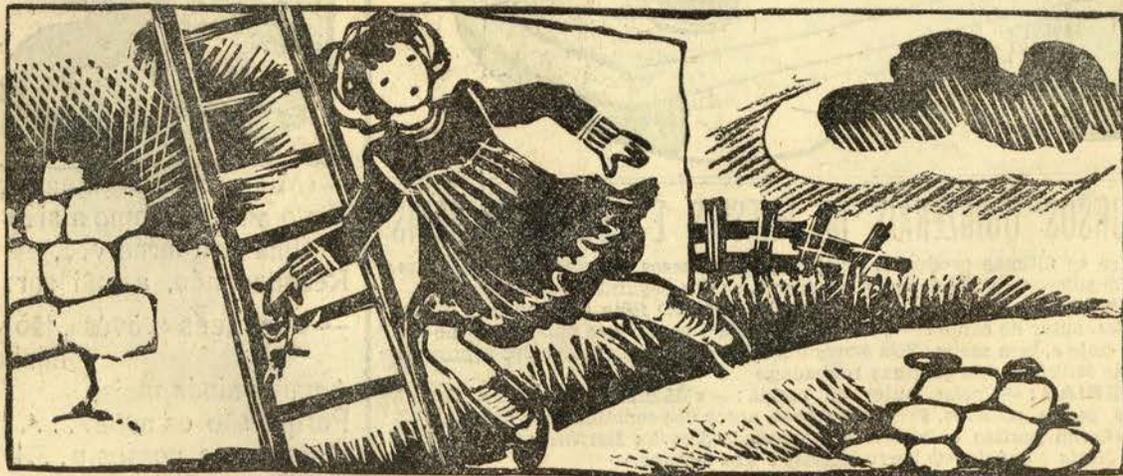
A Vitória, então, vendo que fôra salva pela própria pessoa a quem quizera fazer mal, abraçou a Maria, prometendo-lhe que nunca mais seria maldosa nem orgulhosa e que se tornaria, de futuro, a sua maior amiga.

E ainda mais: — considerando que a sua amiguinha vivia na pobreza, pediu aos pais que a deixassem vir para sua própria casa, ao que eles acederam do melhor grado.

Hoje, são amigas inseparáveis e a Maria, tratada como filha, estuda com vontade para vir a ser professora.

Meninos: — Sigam o exemplo da pequenina Maria e nunca queiram ser maus, orgulhosos, nem vingativos, porque todos os que são assim, mais tarde ou mais cedo, arrependem-se-ão e a Deus terão de pedir perdão pelas suas maldades.

===== F I M =====

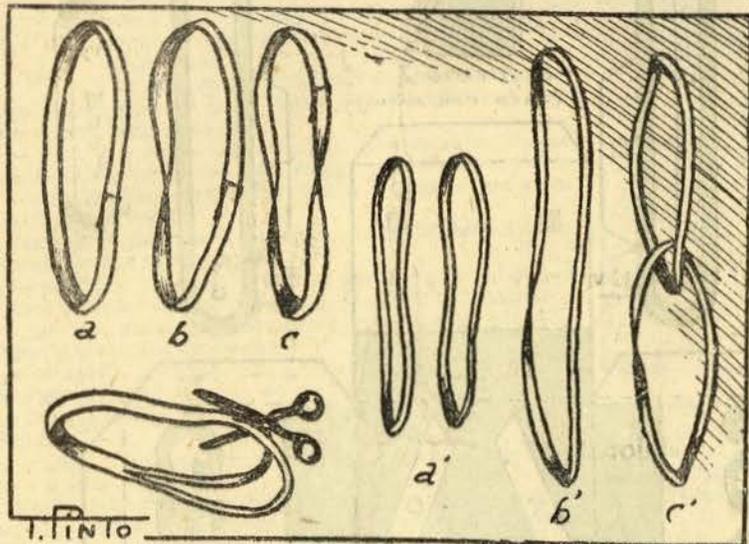
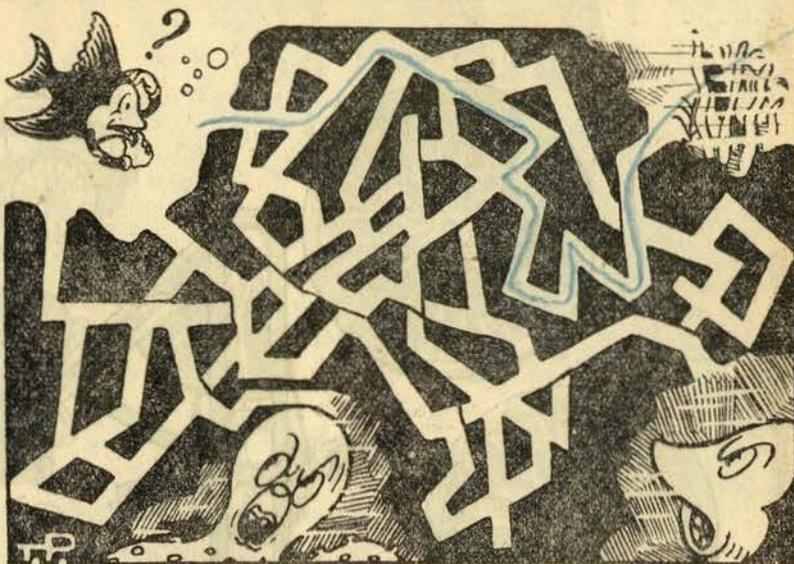


LABIRINTO

È grande, enorme a aflição
de que eu estou possuído.
Só não está comovido
quem não tenha coração.

Caminhos, só tenho um...
... Mas há três... Que ralação!
Que fazer? Ao Pim-Pam-Pum
Vou pedir indicação.

Se gostas de auxiliar,
dize-me, pois, amiguinho,
qual o caminho a tomar
por este vosso peixinho!



AS CINTAS MÀGICAS

Um engraçado passatempo para intrigar os vossos amiguinhos.

Cortem três tiras de papel e cole-nas, como vêdes, em A, B e C, mas colando em A o papel direito, em B torcendo-o em meia volta e em C dando-lhe uma volta completa. Cortem, agora, as tiras como está no esquema.

E vereis então que a cinta A ficará dividida em duas: (A') a B formará uma muito comprida (B') e a C, duas, mas encadeadas (c').

È interessante, não acham?

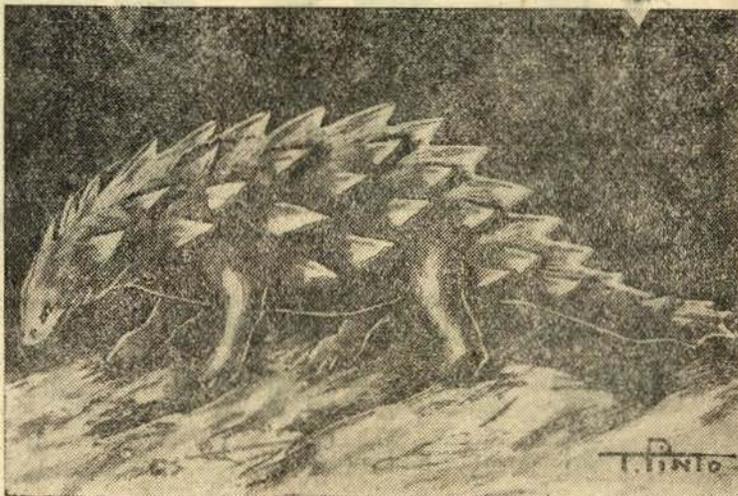
ANIMAIS PRE-HISTÓRICOS ANTI-DILUVIANOS

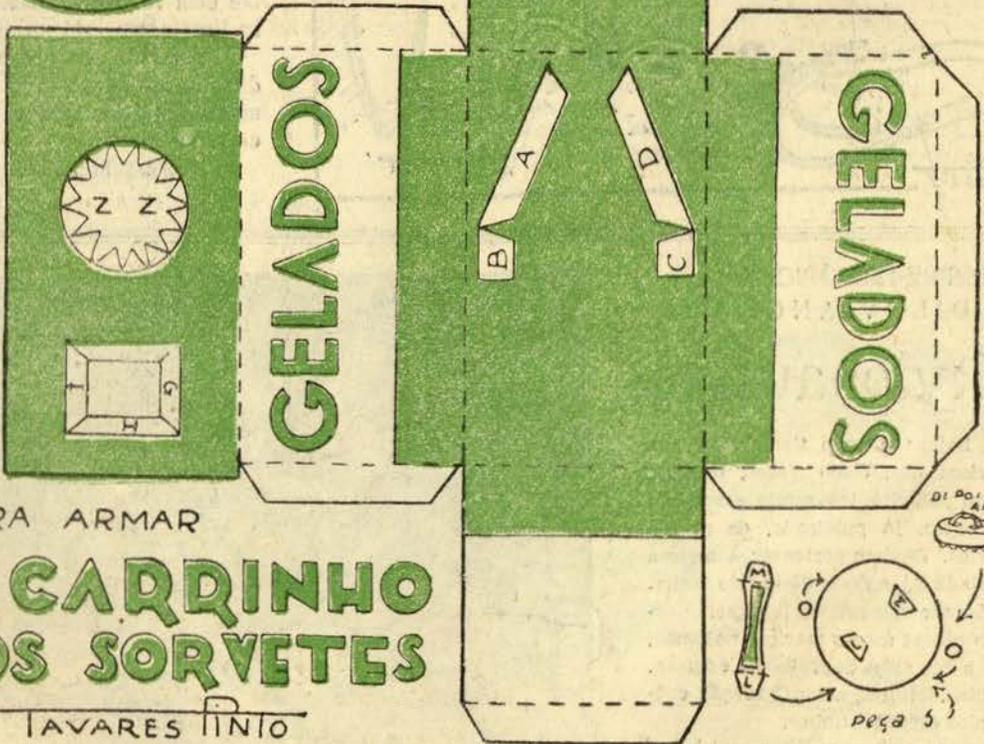
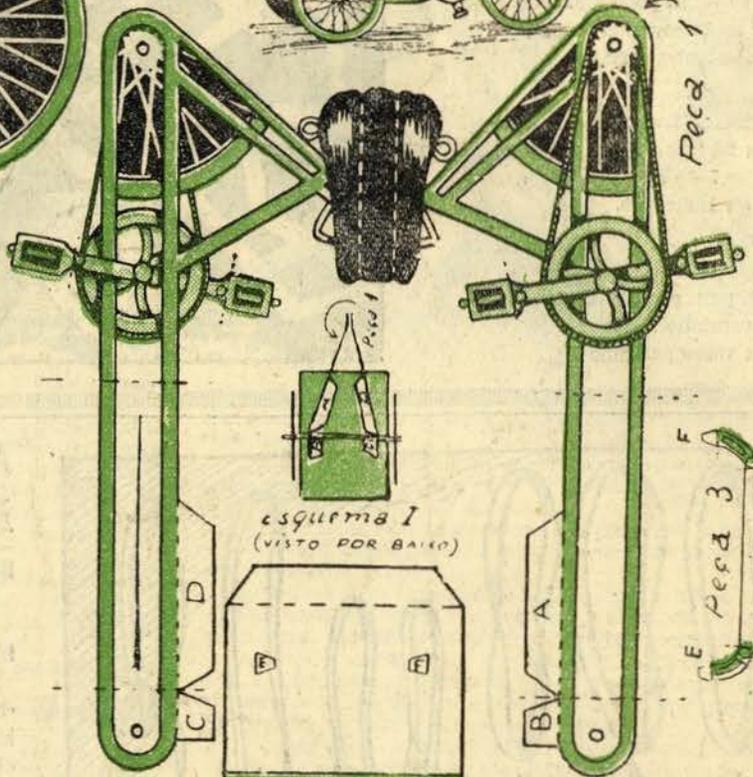
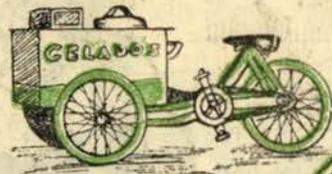
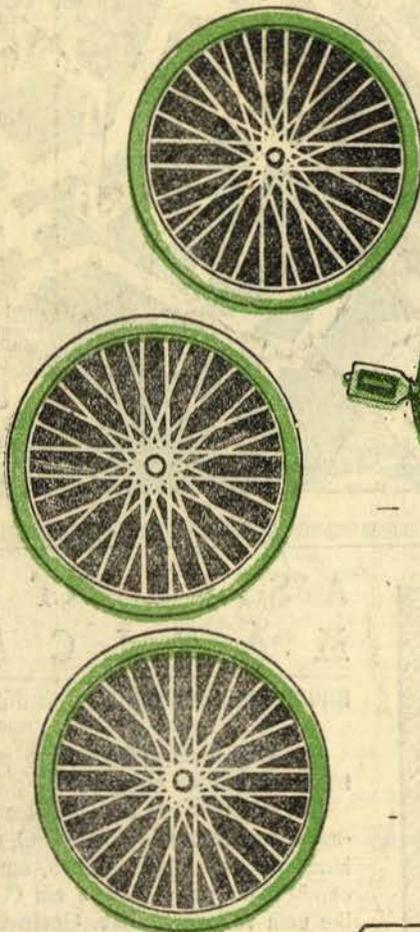
Ankylosaurios

Temos, hoje, um novo tipo dos tempos pre-históricos que, como vêdes, também armado em paliteiro, tem muita parecença com um outro, já publicado, de nome Stegosáurios. Deviam pertencer à mesma família. Nada há a dizer deste feio bicharro a não ser que estava fortemente armado com placas ósseas maciças no lombo, que eram a sua arma de protecção e defesa.

È de notar, leitores, a configuração exótica de todos estes brutinhos.

Não deviam nem sequer um real à formosura, não acham?





peça 2

PARA ARMAR

O CARRINHO DOS SORVETES

por TAVARES LINTO

DI. DO 1.º DE ABRIL

peça 5